

“MUDAR PARA VARIAR”, “VARIAR PARA MUDAR” – TRATANDO DA VARIAÇÃO E MUDANÇA DE *ACHO (QUE)* E *PARECE (QUE)* PARENTÉTICOS EPISTÊMICOS NA FALA DE FLORIANÓPOLIS¹

Raquel Meister Ko. FREITAG – PG – Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO

A partir da caracterização, dentro de uma comunidade linguística estratificada socialmente, dos usos de acho (que) e parece (que), estabeleço um possível percurso para explicitar a mudança conceitual e estrutural pelas quais passam as construções, com base nos pressupostos da gramaticalização. Assumindo que as construções desempenham a mesma função semântico-discursiva de parentéticos epistêmicos, pretendo (i) estabelecer e discutir os condicionamentos sociais e linguísticos que regem o seu uso, (ii) correlacioná-los às evidências da sua gramaticalização e (iii) contribuir com discussões teóricas no âmbito de uma abordagem conjunta da Teoria da Variação e do Paradigma Funcional da Gramaticalização para a análise de fenômenos de variação e mudança linguística.

PALAVRAS-CHAVE

variação e mudança; gramaticalização; parentéticos epistêmicos

1. Introdução

A confluência de dois olhares teóricos para um mesmo fenômeno linguístico pode fornecer muito mais indícios empíricos a respeito do fenômeno do que uma análise unilateral. Partindo deste pressuposto, pretendo retratar o momento em que duas construções – *acho (que)* e

¹ Este artigo é um recorte de minha dissertação de mestrado intitulada “Gramaticalização e variação de *acho (que)* e *parece (que)* na fala de Florianópolis”, defendida junto ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, em 2003, sob orientação da Prof.^a Edair Gorski. Quero agradecer à Prof.^a Edair Gorski e ao parecerista anônimo pela leitura atenciosa deste artigo e observações de grande valor; problemas remanescentes são de minha responsabilidade.

parece (que) – desempenham a mesma função semântico-discursiva, a de *parentéticos epistêmicos*, valendo-me, como aparato teórico-metodológico, da *teoria da variação e mudança lingüística*, como proposta por Weinreich, Labov & Herzog (1968) e Labov (1972, 1982, 1994), e também do *paradigma funcional da gramaticalização*, como proposto por Hopper (1991), Hopper & Traugott (1993), Heine *et al.* (1991), Bybee *et al.* (1994), entre outros. A abordagem de fenômenos discursivos unindo estas duas perspectivas teóricas vem sendo proposta e desenvolvida em alguns trabalhos, especialmente Valle (2001), Tavares (1999; 2003), Gorski *et al.* (2003), entre outros.

A partir da caracterização dos usos de *acho (que)* e *parece (que)*, dentro de uma comunidade lingüística – Florianópolis – estratificada socialmente, estabeleço sincronicamente um possível percurso para explicitar a mudança conceitual e estrutural pelas quais passam as construções, com base nos pressupostos da gramaticalização.² Admitindo que *acho (que)* e *parece (que)* estão desempenhando a mesma função semântico-discursiva, pretendo estabelecer e discutir os condicionamentos sociais e lingüísticos que regem o seu uso.

A estrutura deste artigo é a seguinte. Primeiramente, defino parentéticos epistêmicos e apresento argumentos para caracterizar as construções *acho (que)* e *parece (que)* como parentéticos epistêmicos e indícios que apontam para a sua gramaticalização. Depois, passo à análise variacionista, após definir o contexto em que as duas construções variam no desempenho da função de parentético epistêmicos, recortando a regra variável. Finalmente, discuto as relações que podem ser estabelecidas a partir dos resultados, argumentando a favor da união das abordagens da Teoria da Variação e Mudança Lin-

2 Os dados de *acho (que)* e *parece (que)* foram coletados em 36 entrevistas de Florianópolis, uma das cidades constituintes do Banco de Dados VARSUL (Variação Lingüística Urbana na Região Sul do Brasil), estratificadas quanto ao sexo, três faixas etárias (15 a 24 anos, 25 a 49 anos e mais de 50 anos) e três faixas de escolarização (de 4 a 5 anos, de 8 a 9 anos e de 10 a 11 anos).

güística e do Paradigma Funcional da Gramaticalização para tratar de fenômenos discursivos, tal como Gorski *et al.* (2003).

2. Parentéticos epistêmicos

A categoria dos parentéticos, mais especificamente os epistêmicos³, tem despertado o interesse para muitos estudos. Sob este rótulo costumam ser agrupadas construções que, entre outras propriedades, possuem a estrutura de 1ª pessoa singular + verbo no presente, como *I think*, (Thompson; Mulac 1991: 317)⁴, no exemplo que segue:

- (1) It's just your point of view you know what you like to do in your spare time, *I think*

Ao rol dos parentéticos epistêmicos, acrescento as construções do português *acho (que)* e *parece (que)*.⁵ Apesar da construção *parece (que)* não ter a estrutura convencionalizada de 1ª pessoa do singular, me respaldo em Jayez & Rossari (2003), que consideram como parentéticos epistêmicos, no francês, as construções *je pense* (verbo *penser*) e *paraît-il* (verbo *paraître*), que estão na 1ª e 3ª pessoas do singular, respectivamente. Os autores traduzem *paraît-il* como *I hear*, em inglês.

3 A modalidade epistêmica é a categoria funcional responsável pela codificação da atitude do falante, seu julgamento acerca da informação proposicional da oração, especialmente julgamento epistêmico (de verdade, probabilidade, certeza, crença, evidência) (PALMER 1986).

4 A questão quanto à terminologia do estatuto de *I think* é bastante complexa. Há artigos em que a construção figura como parentético, em outros, como evidencial. E no mesmo artigo (Thompson; Hopper 2000), é tratada como parentético e como evidencial.

5 As formas *acho (que)* e *parece (que)* já foi objeto de diversos estudos, com diferentes enfoques: sob a ótica da gramaticalização e abordagens discursivas, que os consideram marcadores discursivos, marcadores de atenuação, ou ainda, operadores argumentativos. (Casseb-Galvão; Gonçalves 2001; Castilho 1989; Constante 2000; Espíndola 1998; Freitag 2000; 2001; 2003; Galvão 1999; Gonçalves 2003; Marcuschi 1989; Neves; Votre 1999; Rosa 1992)

No português, *acho (que)* e *parece (que)* são construções bastante recorrentes, em contextos como os ilustrados em (2) e (3).

(2) Aí também tem que pegar um- um queijo ACHO QUE é queijo mussarela, EU ACHO. Não sei, um queijo assim- Aí eu pico- piquei, eu fiz hoje tudo direitinho. SC FLP MJG 12

(3) E: O que você acha que deve fazer para essas crianças que estão cheirando cola no centro, sabe? Ficam ali ao léu.

F: Olha, inclusive Jô, eu estou até com um problema que eu até não conversei nada com ninguém. Porque eu sou uma pessoa que sofre calada. A gente está tentando ajudar uma família, eles têm, PARECE QUE seis filhos. Não vou dizer o total porque o total eu não sei. SC FLP FAC 17

Parentéticos epistêmicos possuem outras propriedades. De acordo com Grice (1983), os parentéticos estabelecem uma relação entre o que é dito e o que é implicado, e, por isso, se enquadram na categoria das implicaturas conversacionais; ou seja, condicionam a interpretação em que são lexicalmente encaixados, mas não contribuem para delinear o conteúdo referencial da frase (o tipo de situação que a frase se propõe a descrever).

Os parentéticos epistêmicos são constituintes que não completam ou modificam um outro dentro de uma frase. Na realidade, eles interagem com a força assertiva da frase em que ocorrem, pois os parentéticos epistêmicos possuem propriedades modais-epistêmicas, relacionadas à codificação da atitude do falante e seu julgamento acerca da informação proposicional da oração, que pode ser de verdade, probabilidade, certeza, crença, evidência (PALMER 1986). Por exemplo, uma sentença com *acho (que)* é menos autoritária do que outra em que tal construção não ocorre, como pode ser observado em (4) e (4').

- (4) É uma curva sem perigo, mas também se um erro houvesse ali, era sem proteção, porque a distância entre a pista e uma parede era pequena, devia ter alguma proteção, alguma caixa de brita ou então pneu ali pra proteger. É culpa do presidente da equipe, né? do dono da equipe, o Frank Williams, eu ACHO. E de quem fizeram a organização do GP, eu ACHO. SC FLP MJG 15
- (4*) É uma curva sem perigo, mas também se um erro houvesse ali, era sem proteção, porque a distância entre a pista e uma parede era pequena, devia ter alguma proteção, alguma caixa de brita ou então pneu ali pra proteger. É culpa do presidente da equipe, né? do dono da equipe, o Frank Williams. E de quem fizeram a organização do GP.

Estudos, como o de Thompson & Mulac (1991), comprovam a existência de polissemia sincrônica e gradientes de gramaticalização. Observe-se:

- (5) 1. I think that we're definitely moving towards being more technological.
 2. I think \emptyset exercises is really beneficial, to anybody.
 3. It's just your point of view you know what you like to do in your spare time, *I think*.⁶

Para Thompson & Mulac, os exemplos 2 e 3 de (5) são versões gramaticalizadas de 1. As evidências sugerem que as construções sujeito + verbo ocorrendo sem complementizador são reanalisadas pelos falantes como expressões epistêmicas, que têm liberdade sintática, funcionando semelhantemente a outras expressões epistêmicas, como *maybe*. A mudança de *I think* envolve a combinação de sujeito

⁶ Extraído de Thompson & Mulac (1991: 313).

+ verbo, tornando-os um só elemento, o qual se comporta como um elemento da categoria advérbio. *I think* ilustra o processo de gramaticalização comparável ao exemplo discutido em Heine e Reh (1984): um núcleo ou elemento cabeça é reanalisado como um elemento dependente. Segundo Thompson & Mulac (1991), não há evidências históricas, no inglês, que permitam afirmar que essa alteração sincrônica sujeito + verbo tenha equivalente diacrônico.

A partir dos resultados de Thompson & Mulac (1991), e também dos resultados do estudo de *I promise*, Traugott (2000) propõe um contínuo para a mudança semântica: de atos de fala performativos a parentético epistêmico. O contínuo de mudança proposto por Traugott pode ser considerado com um universal lingüístico, nos termos de Bybee *et al.* (1994).⁷ Da mudança semântica de atos de fala performativos a parentéticos epistêmicos decorre a ampliação do escopo de *dentro* da sentença para *sobre* a sentença.

O estatuto de parentético epistêmico é mais evidente quando as construções aparecem depois de uma oração principal ou dentro da oração. Na posição inicial, o seu estatuto pode ser ambíguo: pode ser considerado performativo ou parentético epistêmico. Observe-se:

- (6) Eles são muito assim, berrão, eles fazem muito escândalo, muito matraca, eles vão lavar roupa suja na rua assim, sabe? a coisa mais ridícula. PARECE QUE eles nem tem casa, eles vivem na frente da casa dos outros. E os do lado assim, são muito quietos e eles ficam debochando dos outros assim, sabe? SC FLP FJG 16
- (7) Eu tinha que explicar melhor, não era tão, assim, como agora a mãe já libera mais ele, tal. Não sei se é porque tem outros dois mais- mais velhos, tal, né? Mas ACHO QUE é mais liberado do

7 Bybee *et al.* (1994) propõem padrões universais para a mudança de determinados domínios. Os futuros, por exemplo, em todas as línguas obedecem um dos seguintes contínuos de mudança: (i) 'querer'; (ii) movimento em direção > INTENSÃO > FUTURO; (iii) 'breve' 'depois'.

que antes, né? nesse aspecto. Mas eu saía mais tranqüilo do que ele. SC FLP MJC 02

Em (6), a informante faz uma comparação entre o comportamento dos vizinhos e a ausência de uma casa, o que é codificado por *parece que*. Em (7), ao expressar sua opinião sobre a relação com os pais na sua adolescência, o informante indica que “hoje ser mais liberado do que antes” é uma opinião sua. Nesse caso, é uma opinião do falante sobre coisas que acontecem no “mundo”, e *achar* é um verbo performativo; no caso de *parece (que)*, trata-se de uma constatação que o falante faz a partir do que observa no “mundo” que se coloca a ele. Denomine-se *marcador de percepção* e *marcador de opinião*, respectivamente, às construções de *parece (que)* e *acho (que)* que tenham comportamento semelhante ao dos casos ilustrados em (6) e (7) Nesse caso, *acho (que)* é um performativo, *parece (que)* não.

Quando *acho (que)* e *parece (que)* são *parentéticos epistêmicos*, são intercambiáveis, pois a função semântico-discursiva de parentético epistêmico suplanta as funções *marcador de opinião* e *marcador de percepção*:

(8) Sempre pa- passei direto, nunca fiquei em recuperação. Já no segundo grau, eu fiquei em recuperação os três anos em Física, e, no terceiro ano, eu ACHO e também fiquei em Matemática. SC FLP FJC 14

A construção com *acho (que)* marca incerteza quanto ao ano em que o informante ficou em exame de recuperação. Não pode ser interpretada como um *marcador de opinião*. Tanto que é possível intercambiar *acho (que)* com *parece (que)* sem que com isso ocorra desvio do sentido de dúvida e incerteza pretendidos, como em (8’):

(8’) Sempre pa- passei direto, nunca fiquei em recuperação. Já no segundo grau, eu fiquei em recuperação os três anos em Física, e, no terceiro ano, PARECE e também fiquei em Matemática.

A primeira questão a ser discutida é como essas construções passam de *marcador de opinião* e *marcador de percepção* a *parentético epistêmico*. Um parâmetro teórico para explicar essa mudança é o paradigma funcional da gramaticalização, conforme proposto por Hopper & Traugott (1993), Heine *et al.* (1991), Bybee *et al.* (1994), entre outros.⁸

Traugott (2003) aponta traços que seriam evidências da gramaticalização de parentéticos epistêmicos: internamente cristalizados; usados em um amplo conjunto de posições sintáticas; aumento da frequência de uso; mudança morfofonêmica; e, certamente, aquisição de estatuto adverbial. Em Freitag (2003), para evidenciar a gramaticalização de *acho (que)* e *parece (que)* na fala de Florianópolis, as ocorrências levantadas no *corpus* analisado⁹ foram quantificadas considerando a sua função discursiva. Tais construções foram correlacionadas a fatores lingüísticos e sociais que podem estar influenciando na sua gramaticalização, tais como: a posição, a presença de material interveniente, a presença/ausência do complementizador, o tipo de sequência discursiva em que ocorrem, o grau de envolvimento do falante com o assunto discorrido na sequência discursiva, o grau de complexidade atribuído ao assunto tratado e a faixa etária e de esco-

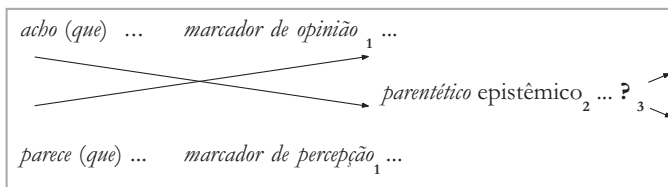
8 Não há consenso na definição do que é gramaticalização, embora todas as definições expressem a noção de *processo* e de *unidirecionalidade*. A unidirecionalidade do processo é devida ao fato de a mudança partir de uma categoria ou conceito concreto para o abstrato, e não ao contrário: para Heine *et al.* (1991) há gramaticalização quando uma unidade ou estrutura lexical assume uma função gramatical, ou quando uma unidade gramatical assume uma função mais gramatical. Hopper & Traugott (1993: 15) consideram a gramaticalização como o *processo por meio do qual itens e construções lexicais em um certo contexto lingüístico desempenham funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais*. A idéia de gramaticalização que adoto para tratar dos parentéticos é a proposta por Bybee *et al.* (1994), Bybee (2003), que defende o papel fundamental da repetição no processo de gramaticalização, caracterizado como o processo pelo qual uma sequência de morfemas ou palavras frequentemente utilizada torna-se automatizada como uma única unidade no processamento.

9 Foram computadas 836 ocorrências, das quais 712 correspondem à forma *acho (que)* e 124 à forma *parece (que)*.

lização do informante. Os resultados confirmaram os traços apontados por Traugott (2000) para evidenciar a gramaticalização de parentéticos epistêmicos.

A partir dos resultados obtidos, pode-se estabelecer, por hipótese, um contínuo para a gramaticalização de *acho (que)* e *parece (que)* como *parentéticos epistêmicos*:

Quadro 1 – Contínuo proposto para a gramaticalização de *acho (que)* e *parece (que)* parentéticos epistêmico



No contínuo proposto no quadro 1, estão assinaladas três instâncias de gramaticalização, a serem discutidas a seguir.

As funções *marcador de opinião* e *marcador de percepção* compreendem a primeira instância, conforme exemplificado em (6) e (7), respectivamente. Os resultados apontaram que há correlação entre forma e função: *acho (que)* = *marcador de opinião* e *parece (que)* = *marcador de percepção*. As características prototípicas dessa instância são: (a) quanto a fatores de natureza sintática: o posicionamento inicial e a presença de complementizador¹⁰, tanto para *marcador de opinião* como para *marcador de percepção*; (b) quanto a fatores de natureza discursiva: *marcadores de opinião* prototípicos tendem a ocorrer em seqüências argumentativas, quando são tratados assuntos de maior complexidade;

¹⁰ Nessas funções não é possível definir com clareza se houve ou não a reanálise do verbo + complementizador como uma única estrutura. O fato de haver material interveniente entre o verbo e o complementizador com mais recorrência do que na função *marcador de dívida* permite especular que a reanálise ainda não está automatizada.

já a baixa recorrência de *marcadores de percepção* não permite traçar o tipo de seqüência discursiva prototípica de sua ocorrência, mas, quanto à complexidade do assunto discorrido, os resultados apontaram que assuntos de menor complexidade são o ambiente mais propício para sua utilização; (c) quanto a fatores sociais: o uso de *marcadores de opinião* se dá por falantes de todas as faixas etárias, e o aumento do tempo de escolarização é proporcional à sua recorrência; não foi possível traçar o perfil prototípico dos *marcadores de percepção* dada a sua baixa freqüência no *corpus* analisado, mas é provável que a tendência seja a mesma que para *marcadores de opinião*.

Na segunda instância, *parentéticos epistêmicos* possivelmente são resultado da expansão do contexto de uso dos *marcadores de opinião* e de *percepção*, já que as formas que codificam essa função são tanto *acho (que)* quanto *parece (que)*, formas prototípicas das funções da instância anterior. Ou seja, as duas formas estão disputando o estatuto de protótipo da função *parentética* epistêmica¹¹. Esta foi a função mais recorrente no *corpus* analisado¹². Nessa instância: (a) a reanálise do verbo + complementizador está mais automatizada do que nas outras funções, dada a baixíssima recorrência de material interveniente entre os dois itens; (b) *parentéticos epistêmicos* têm maior liberdade sintática, passando a ocupar outras posições dentro da frase; (c) a recorrência de complementizador é menor do que nas funções *marcador de opinião* e *marcador de percepção*. Tais características confirmam a hipótese de Traugott (2000), anteriormente mencionada. Vale destacar ainda que os *parentéticos epistêmicos* ocorrem independentemente do grau de complexidade do assunto e do grau de envolvimento do falante, e em todos os tipos de seqüências discursivas controladas: descritiva, narrativa, opinativa e explanativa.

11 Essa disputa é mais detalhada na seção destinada justamente à análise da variação de *acho (que)* e *parece (que)* parentéticos.

12 Das 836 ocorrências analisadas, 430 (51%) desempenham a função de *parentético epistêmico*.

Qual é a próxima instância do contínuo traçado para a gramaticalização de *acho (que)* e *parece (que)*? O que acontece depois da instância em *acho (que)* e *parece (que)* variam como parentéticos epistêmicos? Pode-se hipotetizar duas possibilidades: a *especialização* ou a *sobreposição* das formas. No caso de *especialização*, após a instância de variação, cada uma das formas tenderia a seguir um caminho, ou seja, *acho (que)* se especializaria em uma função, utilizada em determinado contexto discursivo, e *parece (que)* se especializaria em outra, utilizada em contexto discursivo distinto, a exemplo do funcionamento da primeira instância. Já no caso de *sobreposição*, a forma mais recorrente – *acho (que)* – tenderia a predominar sobre a outra forma como parentético epistêmico, possivelmente ampliando ainda mais seu contexto discursivo de uso, de modo a recobrir possíveis especificidades do uso de *parece (que)*. Para poder levantar hipóteses quanto ao caminho a ser seguido por *acho (que)* e *parece (que)*, apresento, a seguir, uma análise variacionista do fenômeno.

3. A variação no uso de *acho (que)* e *parece (que)* parentéticos epistêmicos

Até então, apresentei os pontos de convergência do processo de mudança pelo qual passam *acho (que)* e *parece (que)*, que compartilham bastantes características quando desempenham a função de *parentéticos epistêmicos*. A segunda questão colocada é se o fato da intercambialidade entre *acho (que)* e *parece (que)* parentéticos epistêmicos é razão suficiente para considerá-los variantes de uma mesma variável lingüística. Sankoff (1988: 984) propõe a seguinte noção para regra variável:

a escolha entre duas ou mais alternativas discretas durante o desempenho lingüístico, influenciada por fatores lingüísticos (traço do ambiente fonológico, contexto sintático, situação interacional, etc.) ou por características sociodemográficas ou pessoais do falante propicia a aplicação

de métodos estatísticos conhecidos como “regras variáveis”

A noção de regra variável de Sankoff pressupõe: a) a existência de um tipo de escolha entre sons, palavras ou estruturas feita pelo falante durante o desempenho lingüístico; b) que o resultado da escolha não deve ser previsível pelas informações contextuais; e c) que a escolha deve ser recorrente. Já na definição de Labov (1978), a regra variável consiste em duas ou mais formas que representam *o mesmo estado de coisas/significado*, atuando no mesmo contexto. A questão agora é se *mesmo estado de coisas* recobre *mesma função*. Os trabalhos de Valle (2001), Tavares (1999, 2003), Gorski *et al.* (2003), respaldadas em Nichols (1984)¹³, correlacionam *mesmo estado de coisas/significado* com *mesma função*. É preciso ressaltar que o deslocamento do foco de *mesmo significado*, exigência laboviana para a existência de uma regra variável, para *mesma função*, não é prontamente aceita, pois esta correlação envolve condicionamentos semântico-discursivos.

Assim, apesar da aparente intercambialidade entre *acho (que)* e *parece (que)* na função de parentéticos epistêmicos, a aparente independência de contexto e a recorrência da escolha (observada quando tratei da gramaticalização na seção anterior), é preciso considerar que foi feita a correlação *mesmo significado/mesma função* para que se possa tratar *acho (que)* e *parece (que)* parentéticos epistêmicos como variantes de uma mesma variável lingüística. A regra variável sob análise é o desempenho da função *parentético epistêmico*, com duas variantes *acho(que)* e *parece (que)*.

Considerando o recorte feito e as devidas ressalvas, *acho (que)* e *parece (que)* epistêmicos parentéticos seriam de fato variantes de uma mesma variável lingüística? Os resultados da análise estatística reali-

13 Nichols (1984) discute o caráter polissêmico do termo *função*, que recobre, além de outras quatro possibilidades, a *função/significado*.

zada pelo programa computacional VARBRUL 2S (Pintzuk 1988) apontam que sim. Dos condicionadores aos quais os parentéticos epistêmicos *acho (que)* e *parece (que)* foram correlacionadas, o *envolvimento* do falante com o assunto discorrido, o *aspecto* da ação sob seu escopo, a *presença/ausência do complementizador*, o *tipo de seqüência discursiva*, a *faixa etária* e a *complexidade do assunto* discorrido se mostraram atuantes na escolha de uma ou de outra forma. É importante salientar que somente as ocorrências de *acho (que)* e *parece (que)* parentéticos epistêmicos foram submetidas à análise estatística do programa IVARB, do pacote VARBRUL2S. Foram consideradas 430 ocorrências, 330 de *acho (que)* e 100 de *parece (que)*. A ordem de relevância apontada pelo programa IVARB para o condicionamento da escolha é a seguinte: 1° *envolvimento* do falante com o assunto discorrido; 2° *aspecto* da ação; 3° *presença/ausência de complementizador*; 4° *tipo de seqüência discursiva*; e 5° *complexidade* atribuída ao assunto discorrido, os quais são detalhados a seguir.

3.1. Envolvimento do falante com o assunto discorrido

O primeiro grupo de fatores selecionado pelo programa IVARB é o envolvimento do falante com o assunto discorrido. Na distinção feita convencionada, *envolvimento direto* é caracterizado como aquele em que o falante deve ter vivido/experimentado a situação; *envolvimento mediano* é considerado aquele em que o falante se envolveu/vivenciou medianamente a situação, por intermédio de pessoas muito próximas, amigos, familiares; e no *envolvimento indireto*, o falante soube da vivência/experiência da situação por outras fontes. Os exemplos que seguem ilustram cada um dos graus de envolvimento.

envolvimento direto

(9) E: Mas tu sentes mais algum outro sintoma?

F: Não, não. Ah! Eu não sei se é porque sou muito distraído, né?

E eles falam as coisas pra mim e depois passa um tempo que eu

estou conversando com outra pessoa, que eles vêm perguntar pra mim de novo, aí eu fico meio esquecido, né? eu ACHO QUE até eu ia me lembrar, né? mas que eles vêm perguntar na hora assim, pra mim: “ahh, eu não me lembro, pode até falar de novo porque eu não sei de nada.” SC FLP MJP 11

envolvimento mediano

(10) E: Às vezes tem grávida que corre a gravidez e tudo bem, mas na hora de ganhar, dizem que sofre.

F: É mesmo, é? Tem gente que ganha legal, sabia? A minha irmã, ACHO QUE ganhou legal, ACHO QUE nenhuma parente minha, assim, lá irmão meu, assim, as mulheres, ganharam tudo legal. ACHO QUE até uma cunhada minha está grávida de novo. Aí vai ser ela e eu. SC FLP FJP 28

envolvimento indireto

(11) E: Sessão da tarde?

F: É, sessão da tarde, tipo matinê. Então assistia sessão das moças às duas e às cinco horas. Eram os dois horários que a gente podia ir. O nome era sessão das moças, mas podia ir homem e tudo. E só passava filme brasileiro. Aquelas pornochanchadas, assim, brasileiras, aqueles filmes assim, do, como é que se diz?

E: Comédias, assim?

É, comédia, né? PARECE QUE é uma comédia do Mazzaroppi. Então a gente ia. SC FLP MAC 18

A distribuição das ocorrências de *acho* (que) e *parece* (que) parentéticos epistêmicos quanto ao envolvimento do falante com o assunto discorrido é a apresentada na tabela 1.

Tabela 1 – Distribuição das ocorrências de *acho (que)* e *parece (que)* parentéticos epistêmicos quanto ao grau de envolvimento do falante com o assunto discorrido nos dados de fala de Florianópolis

	Acho (que)			Parece (que)		
	Frequência	Percentual	Peso Relativo	Frequência	Percentual	Peso Relativo
<i>Envolvimento direto</i>	110	94%	0,83	7	6%	0,17
<i>Envolvimento mediano</i>	47	72%	0,43	18	28%	0,57
<i>Envolvimento indireto</i>	173	70%	0,33	75	30%	0,67
<i>Total</i>	330	77%	-	100	23%	-

A frequência de uso, tanto de *acho (que)* como de *parece (que)* parentéticos epistêmicos, relativamente ao envolvimento do falante com o assunto discorrido na seqüência discursiva, é maior em contextos cujo envolvimento é *indireto*, com 173 ocorrências de *acho (que)* (o equivalente a 52% das 330 ocorrências da forma) e 75 de *parece (que)* (o equivalente a 75% das 100 ocorrências da forma). Em termos da influência do grau de envolvimento do falante sobre a escolha da forma, porém, os pesos relativos apontam para uma tendência de polarização. Quanto mais envolvimento do falante com o assunto discorrido, mais provável é o uso de *acho (que)*, conforme pode ser observado na progressão proporcional do envolvimento, paralela à progressão do peso relativo: para *envolvimento direto*, o peso relativo é de 0,83, para *envolvimento mediano*, o peso relativo é de 0,43, e para *envolvimento indireto*, o peso relativo é de 0,33. O contrário ocorre com *parece (que)*, que tem aumento da probabilidade de uso de acordo com o decréscimo do envolvimento do falante com o assunto discorrido: para *envolvimento direto*, o peso relativo é de 0,17, para *envolvimento mediano*, é de 0,57, e para *envolvimento indireto*, o peso relativo é de 0,67.

Os dados probabilísticos permitem que se hipotetize a tendência de uso: *parece (que)* parentético epistêmico à *envolvimento indireto* e *acho (que)* parentético epistêmico à *envolvimento direto*.

3.2 Aspecto da situação sob escopo do parentético epistêmico

O aspecto foi o segundo grupo de fatores apontado pelo programa IVARB como significativo no condicionamento da escolha entre *acho (que)* e *parece (que)* parentéticos epistêmicos. Aspecto refere-se aos diferentes modos de perceber a constituição temporal interna de uma situação (Comrie 1976). Existem diversas classificações aspectuais (durativo/ponutal, perfectivo/imperfectivo, entre outras, além das suas sub-classificações), mas para fins desta análise, considerou-se a propriedade de da situação expressa na oração estar *acabada* ou *inacabada*. O tempo verbal, o item lexical (o verbo propriamente dito) e modificadores adverbiais integram na expressão do aspecto da frase em que *acho (que)* e *parece (que)* parentéticos epistêmicos ocorrem. Os exemplos que seguem ilustram a variável:

aspecto acabado

- (12) O meu irmão também se formou em edificações, o Vidomar, ele formou-se em Letras mas antes disso ele fazia elétrica, né? Então foi assim. Só que eu comecei a pegar mais gosto depois assim pela área da saúde, eu não posso lhe dizer o período certo assim, mas eu ACHO que foi dentro já da Escola Técnica, porque eu queria sair de lá, que não era aquilo ali, que eu queria ir pra área da saúde. Aí eu tentei várias vezes a área da saúde, não consegui. SC FLP MJP 11

aspecto inacabado

- (13) E É maior a preocupação pela gravidez do que pela Aids?
F Do que pela Aids. É. Pelo menos nessas pessoas, né? que eu conheço. Agora os solteiros, os solteiros eu ACHO que não. Os solteiros eu ACHO que se preocupam bem mais é com a Aids mesmo. SC FLP MAP 02

A recorrência de *acho (que)* e *parece (que)* quanto ao aspecto da ação sob seu escopo está delineada na tabela 2.

Tabela 2 – Distribuição das ocorrências de *acho (que)* e *parece (que)* parentéticos epistêmicos quanto ao aspecto sob escopo do parentético epistêmico nos dados de fala de Florianópolis

	<i>Acho (que)</i>			<i>Parece (que)</i>		
	Frequência	Percentual	Peso Relativo	Frequência	Percentual	Peso Relativo
Aspecto acabado	119	66%	0,36	60	34%	0,64
Aspecto inacabado	211	84%	0,60	40	16%	0,40
Total	330	77%	-	100	23%	-

Os resultados relativos à frequência de uso apontam que *acho (que)* é muito mais recorrente em contextos cujo aspecto é inacabado, contabilizando 211 das 330 ocorrências, o que equivale a 84% do total; já *parece (que)* é muito mais recorrente em contextos cujo aspecto é acabado, com 60 das 100 ocorrências, computando 16% do total. Os pesos relativos confirmam a tendência delineada pela frequência de uso: *parece (que)* é mais provável de ser utilizado em contextos de *aspecto acabado*, com peso relativo de 0,64, e *acho (que)* é mais provável de ser utilizado em contextos de *aspecto inacabado*, com peso relativo de 0,60.

Novamente, pode-se estabelecer uma relação entre as formas e seu contexto mais provável de uso: *parece (que)* parentético epistêmico → *aspecto acabado* e *acho (que)* parentético epistêmico → *aspecto inacabado*.

3.3 Presença/ausência de complementizador

A presença/ausência do complementizador foi o terceiro grupo de fatores mais significativo apontado pelo programa IVARB para o condicionamento do uso de *acho (que)* e *parece (que)* parentéticos epistêmicos. Tanto *acho (que)* quanto *parece (que)*, relativamente à frequência, são mais recorrentes com a presença do complementizador,

computando 287 das 330 ocorrências de *acho (que)* (o que equivale a 87%) e 68 das 100 ocorrências de *parece (que)* (o que equivale a 68%). Os resultados totais são apresentados na tabela 3.

Tabela 3 – Distribuição das ocorrências de *acho (que)* e *parece (que)* parentéticos epistêmicos quanto à presença de complementizador nos dados de fala de Florianópolis

	<i>Acho (que)</i>			<i>Parece (que)</i>		
	Freqüência	Percentual	Peso Relativo	Freqüência	Percentual	Peso Relativo
Presença de complementizador	287	81%	0,55	68	29%	0,45
Ausência de complementizador	43	57%	0,28	32	43%	0,72
Total	330	77%	-	100	23%	-

Quanto à probabilidade, a presença do complementizador favorece levemente o uso de *acho (que)*, com peso relativo de 0,55, e desfavorece levemente *parece (que)*, com peso relativo de 0,45 (embora os resultados percentuais sejam bastante polarizados nesse fator).

Quando se trata da ausência do complementizador, os resultados são distintos. Das 75 ocorrências de parentéticos sem complementizador, 43 delas (ou seja, 57%) são de *acho (que)*, e 32 de *parece (que)* (43%). Os resultados probabilísticos, porém, indicam que é muito mais provável que a ausência de complementizador propicie o uso de *parece (que)* parentético epistêmico (0,72) e que iniba a forma *acho (que)* (0,28).

Outra relação que pode ser feita a partir dos resultados é: *parece (que)* parentético epistêmico à ausência de complementizador e *acho (que)* parentético epistêmico à presença de complementizador.

3.4 Tipo de seqüência discursiva

O tipo de seqüência discursiva em que *acho (que)* e *parece (que)* ocorrem foi o quarto grupo de fatores apontado pelo programa IVARB como condicionador da variação do seu uso como paren-

téticos epistêmicos. Dentro da entrevista sociolinguística, é possível selecionar seqüências discursivas que podem ser caracterizadas como *narrativa de experiência de vida*, *opinião*, *explicação*¹⁴ e *descrição*. As seqüências de *narrativa de experiência de vida* são os trechos em que o informante fala sobre fatos passados ou presentes, freqüentes ou específicos; em seqüências de *opinião* o informante expõe seu ponto de vista sobre determinado assunto ou acontecimento; em seqüências de *explicação*, o informante expõe o motivo, a razão de determinados assuntos; e em *descrições*, o informante detalha como se faz algo. Os excertos que seguem ilustram os tipos de seqüência discursiva:

Narrativa

- (14) Aí depois veio a notícia que caiu uma árvore. E PARECE QUE a árvore caiu em cima deles é, caiu uma árvore em cima dum pai e filho, e pegou mais uma moça assim de raspão. SC FLP MBG 13

Descrição

- (15) Aí também tem que pegar um- um queijo ACHO QUE é queijo mussarela, EU ACHO. Não sei, um queijo assim- Aí eu piquei- quei, eu fiz hoje tudo direitinho. SC FLP MJG 12

Opinião

- (16) E agora está ruim de arrumar emprego pra nós, né? pra eles está fácil, né? e ACHO QUE estão- ainda estão mais ou menos, assim, na- não tem? na- fazendo o serviço deles, estão fazendo poucas coisas mas- não é? não precisa fazer muito e não precisa fazer menos, mas fazer média, assim, mas está bom. SC FLP MJP 09

14 As seqüências discursivas de *explicação* e *opinião* são definidas conforme Guy *et al.* (1986).

Explicação

(17) Mas eu ACHO QUE não seria o serviço ideal pra ele não. Meu pai não tem um dom de, né? de repente a gente se engana, mas eu acho que não. SC FLP FJP 05

Os resultados quanto à recorrência do uso de *acho (que)* e *parece (que)* parentéticos epistêmicos quanto ao tipo de seqüência discursiva são apresentados na tabela 4.

Tabela 4 – Distribuição das ocorrências de *acho (que)* e *parece (que)* parentéticos epistêmicos quanto ao tipo de seqüência discursiva nos dados de fala de Florianópolis

	Acho (que)			Parece (que)		
	Freqüência	Percentual	Peso Relativo	Freqüência	Percentual	Peso Relativo
Narrativa ¹⁵	162	70%	0,46	71	30%	0,54
Explicação	127	81%	0,56	29	19%	0,44
Opinião	32	100%	1	0	0%	0
Total	330	77%	-	100	23%	-

Acho (que) e *parece (que)* parentéticos epistêmicos são mais recorrentes em seqüências narrativas, com 233 ocorrências, das quais 162 são de *acho* (o equivalente a 70%) e 71 de *parece* (o equivalente a 30%). Porém, na interpretação deste resultado, é preciso considerar o fato de que as entrevistas do banco de dados Varsul são propícias a esse tipo de seqüência narrativa.¹⁶ Em seqüências explicativas, das 156 ocorrências, 127 são de *acho (que)* e 29 de *parece (que)*, respectivamente 81% e 19% do total. Nas seqüências de opinião, o uso de *acho (que)* parentético epistêmico é categórico.

Quanto à probabilidade, a ocorrência de *acho (que)* é levemente

¹⁵ À narrativa foram amalgamadas 11 ocorrências (5 de *parece (que)* e 6 de *acho (que)*) em seqüências descritivas.

¹⁶ Cabe salientar que os não há uniformidade nos critérios de classificação de tipos de seqüências discursivas das entrevistas do Banco de Dados VARSUL adotados para estudos de fenômenos de natureza discursiva (Back; Rost; Dal Mago; Freitag; 2004).

favorecida em explanações, com peso relativo de 0,56, e a ocorrência de *parece (que)* é levemente desfavorecida, com 0,44 de peso relativo. Já nas narrativas, *parece (que)* é levemente favorecido, com peso relativo de 0,54, enquanto *acho (que)* é levemente desfavorecido, com peso relativo de 0,46. Como em contextos de opinião o uso de *acho (que)* é categórico, a relação delineada pode ser resumida como: *parece (que) parentético epistêmico à seqüências narrativas* e *acho (que) parentético epistêmico à seqüências argumentativas (opinião e explanação)*.

3.5 Grau de complexidade do assunto

A complexidade do assunto foi o quinto e último grupo de fatores apontado pelo programa IVARB como significativo na escolha de *acho (que)* e *parece (que)* parentéticos epistêmicos. Atribuir complexidade a um assunto é uma questão bastante delicada. Durante a entrevista sociolinguística, o falante é convidado a discorrer a respeito de assuntos diversificados. No *corpus* analisado, dez grandes grupos de assunto puderam ser identificados: *saúde e drogas, relações familiares, lazer e entretenimento, Florianópolis*¹⁷, *trabalho, política e economia, religião, infância e juventude, acontecimento*¹⁸, *turismo e ecologia e educação*. Não é fácil formular expectativas quanto à ocorrência de quais funções e de quais formas em quais tipos de assunto, pois influi nessa questão o grau de complexidade que cada falante atribui para cada assunto. Ou seja, para um vereador (informante SC FLP 21), política possivelmente deve ser um assunto menos complexo; já para uma dona de casa (informante SC FLP 15) possivelmente deve ser um assunto mais complexo. De modo geral, é possível que determinados assuntos sejam genericamente mais complexos, como *política e economia, religião, saúde e drogas, educação, turismo e ecologia*. Já outros assuntos é possível que sejam genericamente menos complexos, como *lazer e*

¹⁷ O falante fala a respeito da sua cidade.

¹⁸ O falante fala a respeito de um fato pontual ocorrido.

entretenimento, infância e juventude, acontecimento, trabalho, relações familiares, Florianópolis. Estou considerando para essa distinção o fato de o falante ter experienciado ou não o tipo de assunto. Assuntos experienciados ou presumidamente experienciados devem ser menos complexos para o falante discorrer do que assuntos não-experienciados. Considerando tais distinções, os resultados quanto à complexidade do assunto e a recorrência de *acho (que)* e *parece (que)* parentéticos epistêmicos são apresentados na tabela 5.

Tabela 5 – Distribuição das ocorrências de *acho (que)* e *parece (que)* parentéticos epistêmicos quanto ao grau de complexidade do assunto nos dados de fala de Florianópolis

	<i>Acho (que)</i>			<i>Parece (que)</i>		
	Freqüência	Percentual	Peso Relativo	Freqüência	Percentual	Peso Relativo
<i>Assuntos mais complexos</i>	85	74%	0,39	30	26%	0,61
<i>Assuntos menos complexos</i>	245	78%	0,54	70	22%	0,46
<i>Total</i>	330	77%	-	100	23%	-

O uso de *parentéticos epistêmicos* é muito mais freqüente em assuntos considerados *menos complexos*, tanto *acho (que)*, com 74% das 330 ocorrências, como *parece (que)*, com 26% das 100 ocorrências. Novamente é preciso salientar que, dadas as características das entrevistas do banco de dados Varsul, assuntos menos complexos são os mais recorrentes. Em termos de probabilidade, a menor complexidade do assunto favorece levemente o uso de *acho (que)* parentético epistêmico, com peso relativo de 0,54, enquanto *parece (que)* conta com peso relativo de 0,46, sendo levemente desfavorecido.

Quando a complexidade do assunto é considerada maior, embora a recorrência seja menor do que em assuntos de complexidade menor, *parece (que)* tende a ser mais utilizado do que *acho (que)*. O peso relativo de *parece (que)* é de 0,61 enquanto a de *acho (que)* é de 0,39.

A relação entre a complexidade do assunto e o uso de *acho (que)* e *parece (que)* pode ser esquematizada como: *parece (que)* parentético epistêmico → assuntos considerados mais complexos e *acho (que)* parentético epistêmico → assuntos considerados menos complexos.

4. Considerações sobre a variação

Apesar da possibilidade de intercâmbio, *acho (que)* e *parece (que)* parentéticos epistêmicos tendem a ser utilizados em contextos específicos, condicionados por traços semântico-discursivos.

Quanto mais envolvimento do falante com o assunto discorrido, mais provável o uso de *acho (que)*, e quanto menos envolvimento do falante com o assunto discorrido, mais provável o uso de *parece (que)*. Em contextos marcados por ações/situações imperfectivas, *acho (que)* tem ocorrência mais provável e, ao contrário, em contextos marcados por ações/situações perfectivas, *parece (que)* é mais provável. Para seqüências discursivas narrativas, a probabilidade de ocorrência de *parece (que)* é maior do que a de *acho (que)* e, ao contrário, em seqüências discursivas argumentativas, a probabilidade de ocorrência de *acho (que)* é maior do que a de *parece (que)*. Em assuntos cuja complexidade foi considerada menor, a forma que tem mais probabilidade de ocorrer é *acho (que)*, enquanto que em assuntos cuja complexidade foi considerada maior, a forma que tem mais probabilidade de ocorrer é *parece*.

A presença do complementizador é predominante, tanto para *acho (que)* como para *parece (que)*, mas ele tende mais a não ocorrer com a forma *parece (que)* do que com a forma *acho (que)*. O quadro 2 resume as tendências de uso dos parentéticos epistêmicos *acho (que)* e *parece (que)* apontadas pela análise variacionista.

Quadro 2 – Tendências de uso de *acho (que)* e *parece (que)* parentéticos epistêmicos nos dados de fala de Florianópolis

	<i>Acho (que)</i>	<i>Parece (que)</i>
<i>Envolvimento</i>	Direto	Não-direto
<i>Aspecto</i>	Inacabado	Acabado
<i>Complementizador</i>	Presença	Ausência
<i>Seqüência discursiva</i>	Argumentativa	Narrativa
<i>Complexidade</i>	Assuntos menos complexos	Assuntos mais complexos

5. Gramaticalização e variação

Os resultados da análise de *acho (que)* e *parece (que)* parentéticos epistêmicos vem a reforçar a proposta de Gorski *et al.* (2003: 106), que discutem aspectos teórico-metodológicos da gramaticalização e variação a partir da identificação de usos variáveis de determinados itens em processo de gramaticalização. Nesta perspectiva, resultados variacionistas podem dar pistas de fenômenos de gramaticalização.

A possibilidade de tratar um fenômeno de mudança tanto da perspectiva da gramaticalização como da variação, em princípio, parece ser complicada, pois são abordagens que tomam a mudança sob pontos de vista diferentes.

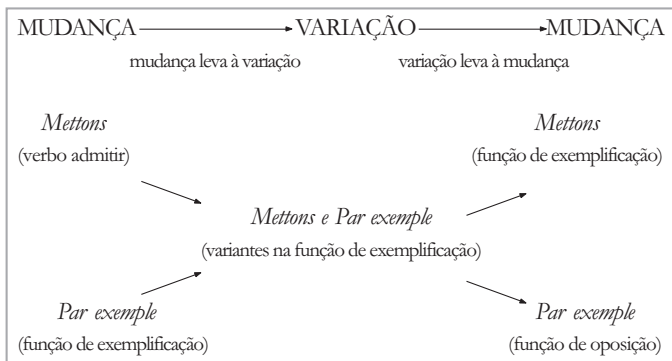
O princípio de Hopper (1991) da *estratificação*, que prevê a possibilidade de emergência e coexistência de novas formas para o desempenho de uma função sem que isso signifique o desaparecimento imediato das formas preexistentes, aponta para a possibilidade de tratar fenômenos de gramaticalização também como fenômenos de variação lingüística.

Já os postulados de Wenreich *et al.* (1968) para o estudo do processo da mudança lingüística são fundamentados em três momentos: o falante aprende uma forma alternante para uma variável lingüística; o tempo em que as duas formas coexistem; e o tempo em que uma das formas torna-se obsoleta. Para que haja a mudança, necessariamente duas ou mais formas concorreram durante um tempo; a mudança pressupõe a existência de um período de variação.

O problema da união das abordagens não está no objeto de estudo, mas no enfoque dado ao processo: é *variação e mudança* ou *mudança e variação*? Na perspectiva variacionista, a variação precede a mudança; na visão da gramaticalização, a mudança precede a variação. Assim como a gramaticalização, a variação também é cíclica. Logo, períodos de variação seguem períodos de mudança, e assim sucessivamente: $\rightarrow \dots \text{mudança} \rightarrow \text{variação} \rightarrow \text{mudança} \rightarrow \text{variação} \rightarrow \text{mudança} \rightarrow \dots$. As abordagens variacionistas recortam, no contínuo maior, um dado período de variação entre duas ou mais formas até o momento em que a disputa se resolve, ou seja, há a mudança. As abordagens segundo o paradigma funcional da gramaticalização recortam, no contínuo maior, uma dada mudança, que abre possibilidade para variação. Ou seja, a mudança lingüística pode ser resolvida por meio de variação, que pode ser resolvida por uma mudança por gramaticalização e assim por diante, sucessivamente. Unir as duas abordagens é vantajoso porque permite uma visão mais ampla do fenômeno em questão, já que um olhar complementa o outro.

Para argumentar a favor da união das abordagens, Valle (2001) retoma a discussão de Vincent *et al.* (1993:85-9), que propõem uma trajetória de mudança via gramaticalização das construções *par exemple* e *mettons* no francês *quebecois*. A construção *mettons* (cristalização do verbo *admettre* na 1ª pessoa do plural) expande seu contexto de modo a abarcar também a função exemplificadora, da qual *par exemple* era prototípico. Já *par exemple* passa a desempenhar a função de oposição. A partir de um processo de mudança, as duas formas *mettons* e *par exemple* entram em variação na função de exemplificação. Esta variação desencadeia outro processo de mudança, e cada uma das construções segue a trajetória de especialização em uma função.

Quadro 3 – Processo de mudança via gramaticalização de *par exemple* e *mettons* no francês quebecois (Vincent et al. 1993)¹⁹



A trajetória delineada no quadro 3 para *mettons* e *par exemple* é semelhante à proposta no quadro 1 para *acho (que)* e *parece (que)*. No caso específico de *acho (que)* e *parece (que)* marcadores de opinião e percepção a *parentéticos epistêmicos*, a abordagem variacionista vem trazer mais evidências à gramaticalização, especialmente no que se refere aos princípios estabelecidos por Hopper (1991)²⁰, mais especificamente,

¹⁹ Extraído de Valle (2001: 46).

²⁰ Hopper (1991: 22-23) propõe cinco princípios para a caracterização de um processo inicial de gramaticalização: *Estratificação*: dentro de um domínio funcional, novas camadas emergem continuamente. Quando isso acontece, as camadas velhas não são necessariamente descartadas, mas podem coexistir e interagir com as camadas novas. *Divergência*: quando uma forma lexical se gramaticaliza em clítico ou afixo, a forma lexical original permanece autônoma e suscetível ar sofre as mesmas mudanças que os itens lexicais comuns. *Especialização*: dentro de um domínio funcional, em um estágio, é possível coexistir uma variedade de formas com diferentes nuances semânticas. Com a gramaticalização, a possibilidade de escolha diminui e um número menor de formas assume sentidos gramaticais mais gerais. *Persistência*: quando uma forma sofre gramaticalização passando de lexical a gramatical, alguns traços de seu sentido lexical original tendem a continuar, e detalhes da sua história lexical podem se refletir no condicionamento da sua distribuição gramatical. *Decategorização*: a gramaticalização sempre envolve a perda de categoria e prossegue na seguinte direção: nome e verbo à outra categoria, não o contrário.

ao princípio da *persistência* e da *especialização*.

Segundo o princípio da *persistência*, traços de sentido lexical original da forma que está passando por gramaticalização tendem a continuar, e detalhes da sua história lexical podem se refletir no condicionamento da sua distribuição gramatical. Quando foi realizada a análise das possibilidades de variação de *acho* (*que*) e *parece* (*que*) parentéticos epistêmicos, os resultados probabilísticos indicaram cinco fatores que podem estar condicionando o uso das formas em contextos semântico-discursivos específicos.

As reminiscências do sentido dos verbos que originam as formas - *achar* e *parecer* - condicionam o contexto de uso de uma e de outra forma no desempenho da mesma função discursiva. A explicação para o fato de em contextos de envolvimento direto *acho* (*que*) ser mais recorrente e, em contextos de envolvimento indireto, *parece* (*que*) ser mais recorrente, está na própria história das construções. *Acho* (*que*) é a forma cristalizada do verbo *achar* na primeira pessoa do singular do presente e, por isso, a mais provável de ocorrer em contextos cujo envolvimento do falante com o assunto discorrido é maior. Já a forma *parece* (*que*) é a cristalização do verbo *parecer* na terceira pessoa do singular do tempo presente, o que justifica o fato de ser a mais provável para ocorrer em contextos cujo envolvimento do falante é menor.

Quanto ao aspecto, é possível que o traço semântico dos verbos originários dos parentéticos epistêmicos seja uma explicação: *achar* é um verbo de cognição, do “mundo das idéias”; *parecer* é um verbo de percepção, do “mundo das coisas”. *Achar*, *imaginar*, *pensar* são verbos cujo sentido lexical remete ao futuro, a possibilidades, a coisas inacabadas. Já *parecer*, *perceber*, *ser* são verbos cujo sentido lexical remete ao concreto, a coisas palpáveis e a ações/situações acabadas.

As seqüências argumentativas são o ambiente discursivo mais propício para a ocorrência de *acho* (*que*). O sentido lexical do verbo + complementizador que deu origem ao *marcador de opinião* e ao *pa-*

parentético epistêmico pode ser o motivo do condicionamento da forma para uso em contextos argumentativos: *achar* é um verbo de cognição, do mundo das idéias. O sentido lexical do verbo que deu origem a *parece (que)* marcador de percepção e ao *parentético epistêmico* também pode ser a explicação para o fato da forma ocorrer em seqüências discursivas narrativas. *Parecer* é um verbo de percepção, remete ao mundo das coisas palpáveis, ao mundo das coisas que podem ser contadas. O fato de *parece (que)* ser mais provavelmente utilizado em assuntos cuja complexidade presumida é maior e *acho (que)*, em assuntos cuja complexidade presumida é menor, também pode ter motivação na origem discursiva das formas.

Os fatores apontados na análise estatística como possíveis condicionadores do uso de uma e de outra forma são tributários do princípio da *persistência*. A abordagem variacionista vem a complementar a abordagem dada pelo paradigma funcional da gramaticalização.

O princípio de Hopper (1991) da *especialização* diz respeito à redução da possibilidade de escolha e um número reduzido de formas assume sentidos gramaticais mais gerais. Essa questão ficou pendente quando foi tratada na verificação da gramaticalização de *acho (que)* e *parece (que)* como *parentéticos epistêmicos*. Para verificar o princípio de especialização, era preciso resolver o seguinte problema: se as formas iriam se especializar em funções diferentes ou se uma delas iria predominar sobre a outra. A abordagem variacionista poderia dar pistas para uma ou outra direção.

Os resultados probabilísticos da abordagem variacionista indicam que é possível que as formas estejam se especializando em funções distintas: quando *parentético epistêmico*, *acho (que)* tende a ocorrer em contextos semântico-discursivos de maior envolvimento do falante com o assunto discorrido, quando está sob o escopo de ações/situações imperfectivas, em seqüências discursivas argumentativas, e em assuntos cuja complexidade foi considerada menor; para a ocorrência de *parece (que)*, o ambiente semântico-discursivo mais propício é ca-

racterizado pelo menor envolvimento do falante com o assunto discorrido, sob o escopo de ações/situações perfectivas, em seqüências discursivas narrativas e em assuntos cuja complexidade foi considerada maior.

6. Considerações finais

Um estudo que se valesse somente do aparato teórico-metodológico do *Paradigma Funcional da Gramaticalização* poderia delinear as trajetórias possíveis para *acho (que)* e *parece (que)* parentéticos epistêmicos rumo à *especialização*, em que após a instância de variação cada uma das formas tenderia a seguir um caminho, ou à *sobreposição*, em que a forma mais recorrente tenderia a predominar sobre a outra forma na função, possivelmente ampliando ainda mais seu contexto discursivo de uso. Porém, os resultados estatísticos obtidos na análise variacionista que considera os princípios da Teoria da Variação e Mudança Lingüística apontam especificidades contextuais para o uso de *acho (que)* e *parece (que)*, indicando o rumo da *especialização*. O resultado obtido confirma o pressuposto inicial, de que a confluência de dois olhares teóricos para o mesmo fenômeno lingüístico pode fornecer muito mais indícios empíricos a respeito do fenômeno do que uma análise unilateral, confirmando também a proposta apresentada por Gorski *et al.* (2003) para o tratamento de fenômenos discursivos que passam por variação/mudança. Para concluir, cito Mollica & Roncarati (2001: 46):

Um dos objetivos de relevância da Sociolingüística consiste em fornecer subsídios metateóricos para construir um modelo de mudança mais definido e adequado. Perguntas pontuais têm sido incluídas na agenda acadêmica da área, com a finalidade de compreender melhor os dois níveis em que a mudança afeta seja o indivíduo seja a comunidade. *Que processos de variação podem levar à mudança? Por que caminhos a mudança se dá? As mudanças são direcionadas por princípios? Que princípios governam essa direcionalidade?*

Como as mudanças se encaixam no sistema? De que modo as variáveis sociais atuam em casos de variação estável e de mudança em progresso? Qual a participação do léxico e do nível discursivo-pragmático em fenômenos de variação e mudança? Como se conjugam índices diacrônicos e sincrônicos em fenômenos de mudança? (grifo meu)

Acredito que o estudo da gramaticalização de *acho (que)* e *parece (que)* parentéticos epistêmicos possa ajudar na construção das respostas a estas questões.

Referências Bibliográficas

- BACK, A., ROST, C., DAL MAGO, D. FREITAG, R. 2004. Sequências discursivas em entrevistas sociolingüísticas. In: *Anais do 6º Encontro do CELSUL*. Florianópolis. (cd-rom)
- BYBEE, J., PERKINGS, R., PAGLIUCA, W. 1994. *The evolution of grammar: tense, aspect, and modality in the language of the world*. Chicago: The University of Chicago Press.
- _____. 2003. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: B. Joseph, R. Janda (eds.). *The Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell.
- CASSEB-GALVÃO, V., GONÇALVES, S. 2001. Modalidade e gramaticalização: os casos de achar e parecer. In: *Revista Estudos Lingüísticos*. n. 30.
- CASTILHO, A. 1989. Para o estudo das unidades discursivas no português falado. In: A. Castilho (org), *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Ed. da Unicamp. p.249-279.
- COMRIE, B. 1976. *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CONSTANTE, S. 2000. *O parece que está se gramaticalizando, parece*. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis. Relatório de Iniciação Científica.
- ESPÍNDOLA, L. 1998. *Né?, (eu) acho (que) e aí: operadores argumentativos do texto falado*. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis. Tese

de Doutorado em Linguística.

FREITAG, R. 2000. *Eu acho que está se gramaticalizando, eu acho*. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis. Relatório de Iniciação Científica.

_____. 2001. Estratégias de modalização epistêmica na fala dos florianopolitanos: talvez vs. (eu) acho (que). In: *Anais do IV Encontro do CELSUL*. [cd-rom].

_____. 2003. *Gramaticalização e variação de acho (que) e parece (que) na fala de Florianópolis*. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis. Dissertação de Mestrado em Linguística, disponível em <<http://150.162.90.250/teses/PLLG0275.pdf>>

GALVÃO, V. 1999. *O achar no português do Brasil: um caso de gramaticalização*. Universidade Estadual de Campinas: Campinas. Dissertação de Mestrado em Linguística.

GONÇALVES, S. 2003. *Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade: um estudo de caso no português do Brasil*. Universidade Estadual de Campinas: Campinas. Tese de Doutorado em Linguística.

GORSKI, E., GIBBON, A., VALLE, C., MAGO, D., TAVARES, M. 2003. Fenômenos discursivos: resultados de análises variacionistas como indícios de gramaticalização. In: C. Roncarati, J. Abraçado (orgs.). *Português brasileiro - contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro, 7Letras. p.106-122.

GRICE, Henry P. 1983. *Studies in the way of Words*. Harvard: Harvard University Press.

GUY, G., HORVATH, B., VONWILLER, J., DAISLEY, E., ROGERS, I. 1986. An intonational change in progress in Australian English. In: *Language*, n. 15. p.23-52

HEINE, B., REH, M. 1984. *Grammaticalization and reanalysis in African languages*. Hamburg: Helmut Buske.

_____, CLAUDI, U., HÜNNEMEYER, F. 1991. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press.

HOPPER, P. 1991. On some principles in the grammaticalization. In: E.

- Traugott, B. Heine. (eds.). *Approaches to grammaticalization*. Philadelphia: John Benjamins Company. p.17-35
- _____, TRAUGOTT, E. 1993. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- JAYEZ, J., ROSSARI, C. 2003. *Parentheticals as Conventional Implicatures*. PICS project. Center for the study of language and information.
- LABOV, W. 1972. *Sociolinguistics patterns*. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press.
- _____. 1978. Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. In: *Sociolinguistics Working Paper*, Austin: Southwest Educational Development Laboratory, n. 44. p.43-88
- _____. 1982. Building on empirical foundations. In: W. Lehmann, Y. Malkiel (eds.). *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. p.17-41
- _____. 1994. *Principles of linguistic change - internal factors*. Oxford: Blackwell.
- MARCUSCHI, L. 1989. Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, funções e definições. In: A. Castilho (org), *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Ed. da Unicamp. p.281-321.
- MOLLICA, M., RONCARATI, C. 2001. Questões teórico-descritivas em Sociolinguística e em Sociolinguística Aplicada e uma proposta de agenda de trabalho. In: *D.E.L.T.A.*, 17: Especial. p.45-55.
- NEVES, R., VOTRE, S. 1999. *Gramaticalização do verbo achar*. Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro. Relatório – Projeto Discurso e Gramática. (mimeo)
- NICHOLS, J. 1984. Functional theories of grammar. *Annual review of anthropology*. University of California. p.97-117.
- PALMER, F. 1986. *Mood and modality*. Cambridge: Cambridge University Press.
- PINTZUK, S. 1988. *Varbrul programs*. (mimeo)
- ROSA, M. 1992. *Marcadores de atenuação*. São Paulo: Contexto.
- SANKOFF, D. 1988. Variable rules. In: U. Ammon, N. Dittmar & K.

- Matteir (eds.) *Sociolinguistics: an international handbook of the science of language and society*. New York: Walter de Gruyter. p.984-998.
- TAVARES, M. 1999. *Um estudo variacionista de AÍ, DAÍ, ENTÃO e E como conectores sequenciadores retroativo-propulsores*. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis. Dissertação de Mestrado em Linguística.
- _____. 2003. *A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ, e ENTÃO: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis. Tese de Doutorado em Linguística.
- THOMPSON, S. MULAC. A. 1991. A quantitative perspective on the grammaticalization of epistemic parentheticals in English. In: E. Traugott, B. Heine. (eds.). *Approaches to grammaticalization*. Philadelphia: John Benjamins Company. p.313-329
- _____, HOPPER, P. 2000. Transitivity, clause, and argument structure: evidences from conversation. In: J. Bybee & P. Hopper (eds.). *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. p.27-60.
- TRAUGOTT, E. 2000. *Promise and pray-parentheticals*. Artigo apresentado no Eleventh International Conference on English Historical Linguistics, Santiago de Compostela, Espanha.
- VALLE, C. 2001. *SABE? ~ NÃO TEM? ~ ENTENDE?: itens de origem verbal em variação como requisitos de apoio discursivos*. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis. Dissertação de Mestrado em Linguística.
- VINCENT, D., VOTRE, S. LAFOREST, M. 1993. Grammaticalisation et post-grammaticalisation. In: *Langues et Linguistique*, n. 19. p.71-103
- WEINREICH, U., LABOV, W., HERZOG, M. 1968. *Empirical foundations for a theory of language change*. Austin: University of Texas Press.